

Resumo do livro "O Ócio Criativo" de Domenico de Masi

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC

DEPARTAMENTO DE INFORMÁTICA E ESTATÍSTICA – INE

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMPUTAÇÃO

Aluna: Vanessa Costa

Disciplina: DIR 3542 - Direito, Informática e Sociedade

Professor: Aires J. Rover

Resumo do livro:

"O Ócio Criativo", Domenico de Masi

Em *O Ócio Criativo*, Domenico De Masi elabora não apenas os temas da sociedade pós-industrial, do tempo livre e da criatividade, como também as questões da globalização, do desenvolvimento sem emprego, da feminilização, do declínio das ideologias tradicionais e dos sujeitos sociais emergentes. A conversa tem como pano de fundo uma profunda insatisfação com o modelo social elaborado pelo Ocidente, sobretudo pelos Estados Unidos, centrado na idolatria do trabalho, do mercado e da competitividade. A este é contraposto um novo modelo com as seguintes premissas:

- ✓ Baseado na simultaneidade entre trabalho, estudo e lazer;
- ✓ Centrado mais no crescente tempo livre do que no tempo decrescente dedicado ao trabalho;
- ✓ Atento à distribuição equânime da riqueza, assim como à sua produção de forma eficiente;
- ✓ Militante pela distribuição do tempo, do trabalho, da riqueza, do saber e do poder;
- ✓ No qual os indivíduos e a sociedade são educados a privilegiar a satisfação de necessidades radicais, como a introspecção, o convívio, a amizade, o amor e as atividades lúdicas.

Resumo do livro "O Ócio Criativo" de Domenico de Masi

O autor é professor de Sociologia do trabalho na Universidade La Sapienza de Roma e é diretor da S3-Studium, uma escola de especialização em ciências organizacionais que fundou.

"O homem que trabalha perde tempo precioso".

Segundo o autor, o futuro pertence a quem souber libertar-se da idéia tradicional do trabalho como obrigação ou dever, e for capaz de apostar numa mistura de atividades, onde o trabalho se confunde com o tempo livre, com o estudo e com o jogo, como o "ócio criativo". Em toda ação deve estar presente trabalho, jogo e aprendizado. Ao dar uma aula ou uma entrevista, ao assistir a um filme ou discutir animadamente com os amigos, deve sempre existir a criação de um valor e, junto com isso, divertimento e formação. É justamente isso o que ele chama de ócio criativo.

Sua reflexão ao "ócio criativo" nasceu da constatação direta dos infinitos absurdos organizacionais que angustiam o trabalho nas empresas. Partimos de uma sociedade onde uma grande parte da vida das pessoas adultas era dedicada ao trabalho, estamos caminhando em direção a uma sociedade na qual grande parte do tempo será, e em parte já é, dedicada a uma outra coisa.

Tanto no tempo em que se trabalha, quanto no tempo vago, nós fazemos menos coisas com as mãos e sempre mais coisas com o cérebro, ao contrário do que acontecia até agora, por milhões de anos. Dentre as atividades que realizamos com o cérebro, as mais apreciadas e mais valorizadas no mercado de trabalho são as atividades criativas. Porque mesmo as atividades intelectuais, como as manuais, quando são repetitivas, podem ser delegadas às máquinas.

A espécie humana passou da atividade física para a intelectual, da atividade intelectual de tipo repetitivo à atividade intelectual criativo, do trabalho-labuta nitidamente separado do tempo livre e do estudo ao "ócio criativo", no qual estudo, trabalho e jogo acabam coincidindo cada vez mais. Essas três trajetórias conotam a passagem de uma sociedade que foi chamada de "industrial" a uma sociedade nova chamada de "pós-industrial".

Ócio é um conceito que tem um sentido negativo. O ócio pode ser muito bom, mas somente se nos colocamos de acordo com o sentido da palavra. Para os gregos, tinha uma conotação estritamente física: quem trabalhava era um escravo ou um cidadão de segunda classe. As atividades não-físicas (política, estudo, poesia,

filosofia) eram "ociosas", ou seja, expressões mentais, dignas somente dos cidadãos de primeira classe. O ócio pode transformar-se em violência, neurose, vício e preguiça, mas pode também se elevar para a arte, a criatividade e a liberdade. É no tempo livre que passamos a maior parte de nossos dias e é nele que devemos concentrar nossas potencialidades.

A sociedade industrial permitiu que milhões de pessoas agissem somente com o corpo, mas não lhes deixou a liberdade para expressar-se com a mente. Na linha de montagem, os operários movimentavam mãos e pés, mas não usavam a cabeça. A sociedade pós-industrial oferece uma nova liberdade: depois do corpo, liberta a alma.

Estamos saindo de um mundo "industrial" e entrando num outro, "pós-industrial". No entanto, a velha sociedade nos parece "natural". Parece-nos natural viver segundo a organização e os ritmos da idade industrial. Por exemplo, ao longo de um dia, trabalhamos oito horas, dormimos em outras oito horas e nos divertimos, nos instruímos e tratamos do nosso corpo nas oito horas restantes. Ao longo de um ano, onze meses são de trabalho e um é dedicado ao ócio. Ao longo de uma vida, se estuda durante quinze ou vinte anos, para depois trabalhar durante trinta anos e fazer bem pouco ou quase nada naquele tempo que nos restam antes de morrer. Para romper este sentimento de "naturalidade", que nos condiciona e nos impede de imaginar um modo diferente de viver, como enquadrar historicamente a sociedade industrial? Que mundo foi destruído quando ela emergiu, como cresceu e desde quando começou a envelhecer?

Para responder estas perguntas é necessário percorrer a história humana através de etapas da sua criatividade, isto é, tentar ver a História não como uma seqüência de batalhas e divisões baseadas no possuir, mas como uma história das invenções, baseadas no inovar. O livro traz uma seqüência de descobertas e inovações da humanidade desde da pré-história até os dias de hoje.

Durante muitos anos a tecnologia fez com que deixassem de existir alguns empregos para os seres humanos, mas ao mesmo tempo criou outros e em maior proporção. Para projetar e construir máquinas, de fato, necessitava-se de outros tipos de trabalhadores. Além disso, a riqueza produzida graças às máquinas era reinvestida na criação de outras fábricas ou usada para o consumo. Em ambos os casos, direta ou indiretamente, contribuía para aumentar a oferta de emprego. Porém, com o advento da eletrônica, sobretudo com a introdução de

microprocessadores, este equilíbrio se rompeu e os empregos que desaparecem com o uso da tecnologia não são mais compensados por novos investimentos e novos tipos de emprego. Marx já tinha entendido isso com um século e meio de antecedência em 1844: "Como o operário foi degradado a ponto de tornar-se uma máquina, a máquina pode se apresentar como sua concorrente".

As máquinas, por mais sofisticadas e inteligentes que sejam, não poderão jamais substituir o homem nas atividades criativas. Portanto, a aventura de buscar trabalho terá maior probabilidade de sucesso quanto mais conhecimentos o candidato tiver e for capaz de oferecer serviços de tipo intelectual, científico e/ou artístico, adequados às necessidades sempre mais variáveis e personalizadas dos consumidores. O futuro pertence àqueles que serão mais capazes de usar as próprias cabeças do que as próprias mãos, ou seja, as pessoas que se dedicarão à análise de sistemas, à pesquisa científica, à psicologia, ao *marketing*, às relações públicas, ao tratamento da saúde, à organização de viagens, ao jornalismo e à educação nestes campos. Estas são as atividades do futuro.

A redução do horário dos expedientes de trabalho é vista como uma reivindicação extravagante da extrema esquerda, e enquanto isso todos os assessores da área econômica e social são escolhidos a dedo entre os especialistas adeptos de uma estreita observância dos princípios liberais.

Atualmente a distinção entre trabalho e jogo perdeu muito do seu significado. Já não era assim na época rural: o camponês e o artesão viviam no mesmo lugar em que trabalhavam, o tempo que dedicavam ao trabalho misturava-se ao das tarefas domésticas, ao dedicado a cantorias e a outras distrações. Foi a indústria que separou o lar do trabalho, a vida das mulheres da dos homens, o cansaço da diversão. Foi com o advento da indústria que o trabalho assumiu uma importância desproporcionada, tornando-se a categoria dominante na vida humana, em relação a qualquer outra coisa – família, estudo, tempo livre – permaneceu subordinada. O parecer do autor é exatamente oposto. Quanto mais a natureza de um trabalho se limita à mera execução e implica puro esforço, mais ele se priva da dimensão cognoscitiva (área 2 da figura 1) e da dimensão lúdica (área 3). Esta é a situação infeliz que no esquema corresponde a área 1.

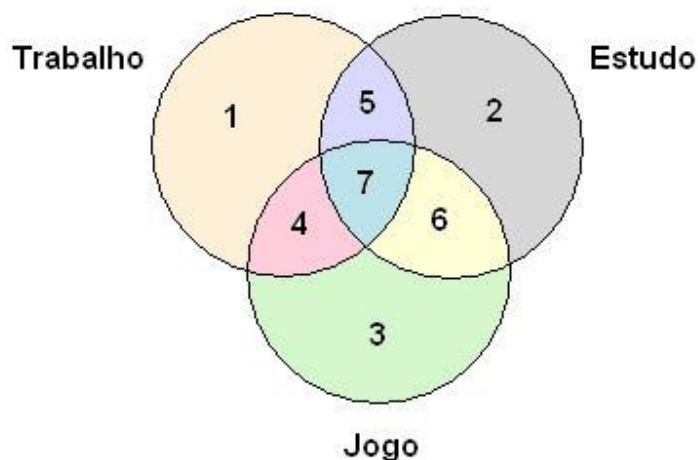


Figura 1 – Esquema: Trabalho X Estudo X Jogo

Existem, porém, trabalhos que desembocam no jogo, como, por exemplo, o de uma equipe cinematográfica que se diverte na filmagem de um filme cômico (área 4); e existem trabalhos que se misturam com o estudo, como o de uma equipe de cientistas realizando um experimento (área 5). Contudo, a plenitude da atividade humana é alcançada somente quando nela coincidem, se acumulam, se exaltam e se mesclam o trabalho, o estudo e o jogo (área 7); isto é, quando nós trabalhamos, aprendemos e nos divertimos, tudo ao mesmo tempo. Por exemplo, é o que acontece com o autor quando ele está dando aula. É o que ele chama de "ócio criativo", uma solução que, segundo ele, se tornará cada vez mais difundida no futuro.

"Aquele que é mestre na arte de viver faz pouca distinção entre o seu trabalho e o seu tempo livre, entre a sua mente e o seu corpo, entre a sua educação e a sua recreação, entre o seu amor e a sua religião. Distingue uma coisa da outra com dificuldade. Almeja, simplesmente, a excelência em qualquer coisa que faça, deixando aos demais a tarefa de decidir se está trabalhando ou se divertindo. Ele acredita que está sempre fazendo as duas coisas ao mesmo tempo".

Segundo o autor, criatividade é um processo mental e prático, ainda bastante misterioso, graças ao qual uma só pessoa ou um grupo, depois de ter pensado

Resumo do livro "O Ócio Criativo" de Domenico de Masi

algumas idéias novas e fantasiosas, consegue também realizá-las concretamente. A criatividade não é só ter idéias, mas saber realizá-las.

A civilização baseada no ócio faz com que vivam melhor até aqueles que trabalham: porque é mais agradável trabalhar entre pessoas que descansam ou se divertem. O trabalho é uma profissão e o ócio é uma arte.

Segundo o autor, o lugar que mais concilia de forma natural com o ócio criativo é o Brasil. Em nenhum outro país do mundo a sensualidade, a oralidade, a alegria e a "inclusividade" conseguem conviver numa síntese tão incandescente. A sensualidade é vivida pelos brasileiros com uma intensidade serena. Por oralidade o autor entende a capacidade de expressar os próprios sentimentos, de falar. Por "inclusividade" o autor entende a disponibilidade de acolher todos os diversos, de fazer conviver pacificamente todas as raças da Terra e todos os deuses do céu.

No trabalho, um comportamento é ético se são evitados resultados vantajosos para si e prejudiciais para os outros. Quando se vive o ócio, a filosofia é idêntica. Pode-se viver o ócio prevaricando, roubando, violentando, entediando ou explorando. Ou pode-se vivê-lo com vantagens para si e para os outros, fazendo com que todos sejam felizes, sem prejudicar ninguém. Neste caso, e só neste caso, se atinge a plenitude do conhecimento e da qualidade de vida.

Referência

MASI, Domenico de. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante. 2000. 328 p.